

Memórias: José Aurélio, Borges de Macedo e as gárgulas da Torre do Tombo. Por José Bonifácio Serra

Não estou muito seguro das razões que me levaram a aceitar o repto de José Aurélio para o acompanhar na entrevista que pedira ao Director da Torre do Tombo, professor Jorge de Macedo. Presumo que tenha prevalecido a curiosidade em saber se o meu antigo professor se lembrava de mim e que reacção a minha presença lhe suscitaria. Estávamos, creio em 1995. Desde 1973 que eu não tinha contacto com Borges de Macedo. Fora seu aluno nas cadeiras de Teoria de História, História da Cultura Moderna e Contemporânea e História Moderna e Contemporânea de Portugal, cadeiras de bacharelato, entre 1967 e 1970. O nosso relacionamento nesse período mantivera-se relativamente distante. O professor Jorge de Macedo era indubitavelmente dos mais bem preparados docentes de História da Faculdade de Letras de Lisboa, superiormente informado e de uma inteligência fulgurante. A esta invulgar estatura intelectual, que inspirava respeito e admiração, contrapunha-se uma personalidade truculenta e um gosto pelas atitudes desconcertantes que, atenta a distância entre docente e discente, perturbava e embaraçava muitos de nós. Em 1971/72 inscrevi-me na cadeira de 5º ano que orientava, o chamado Seminário. Com uma periodicidade semanal, passei a ouvi-lo dissertar sobre metodologia da investigação histórica, História de Portugal na primeira metade do século XIX (uma espécie de prolongamento da cadeira de História Moderna e Contemporânea, do 3º ano, a qual não ultrapassava os tempos do Marquês de Pombal). Era no âmbito do Seminário que se realizava a escolha do tema de dissertação, a tese, indispensável para se obter a licenciatura. O tema de tese era sugerido pelo Professor, e eu não escapei a essa prática, tendo aceite realizar uma investigação sobre as ideias económicas de António de Oliveira Marreca, um dos fundadores do Partido Republicano nos anos 70 do século XIX. O ambiente de Seminário e as sessões de orientação dos trabalhos de tese aproximaram-me da pessoa de Jorge de Macedo, originando uma cordialidade que até então não se pudera desenvolver. Em 1973, porém, poucas vezes nos encontrámos, tendo ele passado a desempenhar funções na equipa reitoral. Em 74 soube que fora saneado, acção que lamentei embora percebesse a inevitabilidade do acto. Não mais o encontrei. O professor Jorge de Macedo foi reintegrado na Faculdade de Letras nos anos 80, numa altura em que eu próprio ali leccionava como assistente, mas não nos chegámos a cruzar, tendo eu saído em 1984. O escultor José Manuel Aurélio era autor das gárgulas do novo edifício da Torre do Tombo inaugurado em 1990. Impressionantes na sua dimensão e projecção arquitectural, aqueles monólitos foram esculpidos nas imediações das pedreiras de onde tinham sido arrancados, em Porto de Mós. Nos anos seguintes, o autor reuniu a documentação relativa ao seu formidável trabalho – desenhos, fotografias, registos diversos – e intentou publicá-la em livro. Para isso considerou desejável que o Director da Torre do Tombo escrevesse um texto de apresentação. Para tal, pediu uma audiência ao Professor Jorge Borges de Macedo. A realização da entrevista arrastava-se, porém. O Director anuí-a, marcava e desmarcava, por este ou aquele motivo imprevisto. Um dia,

queixando-se destas vicissitudes, o escultor perguntou-me: “Ele não foi seu professor? Acha que se nos apresentarmos os dois haverá mais possibilidades de ele nos receber?” Foi assim que entrei neste processo. Uma ou duas tentativas frustradas mais, e eis que finalmente o Professor nos recebe numa manhã de Primavera de 1995.

Na mesa do seu gabinete, o Professor Jorge de Macedo sentou-me à sua esquerda, ficando a seguir o escultor. Virando-se para mim, o meu antigo professor não perdeu tempo com preliminares e encetou uma surpreendente digressão cujo teor não me é possível reconstituir. Lembro-me de que ora versava temas literários, de Kafka a Anaïs Nin e Thomas Mann, ou filosóficos, ora enveredava por assuntos mais confessionais. A certa altura, manifestando eu surpresa pelo testemunho pessoal de uma ocorrência que tivera lugar em Londres, Borges de Macedo contou que apesar da magreza orçamental (“E você sabe as despesas que eu tinha com a minha família!”), nunca deixara de ir a Londres regularmente ao teatro e a concertos. E, olhando-me por cima dos óculos de lentes grossas, rematou enigmáticamente: “Eles não sabiam porquê nem como, mas eu andava sempre à frente deles”.

E de facto assim foi. Com a mais extraordinária das naturalidades, Borges de Macedo elocubrou sobre gárgulas em geral e sobre as gárgulas da Torre do Tombo em particular.

- Tenho uma ideia sobre o significado das gárgulas – afirmou a dado passo. O edifício da Torre do Tombo tem uma estrutura tumular. Compreende-se: aqui se guardam os documentos relativos à história de Portugal. As gárgulas são o elemento através do qual a Torre/Túmulo comunica com o exterior. Com as suas bocas abertas, elas fazem ecoar o grito “Aqui jaz a memória da Nação”.

Macedo fez uma pausa e visando de novo o meu amigo, absolutamente esquecido das circunstâncias que rodeavam aquela audiência, perguntou:

- E qual é o seu interesse no assunto?

Aí, temendo o pior, vim em socorro do artista:

- O Escultor José Aurélio é o autor das gárgulas – informei eu.

O professor olhou pela primeira vez atentamente para o até então terceiro elemento da sessão. Fintos esses intermináveis momentos, disse:

- Mestre, tenho muito gosto em conhecer o autor das gárgulas. Aliás em reconhecê-lo, pois o seu perfil é o de um homem gargarular.

Fosse o que fosse que isso queria dizer, não houve tempo para o averiguar. O Professor Jorge de Macedo passou então a dirigir-se directamente ao seu novo interlocutor e quem passou a explicar o significado de cada uma das oito gárgulas integradas no edifício da Torre do Tombo. Agora reconduzido à condição de espectador, eu via José Aurélio cada vez mais suspenso das palavras de Macedo, surpreendido pela agudeza das observações e sobretudo pela riqueza de conhecimentos que revelava acerca do processo de manufactura daquelas peças.

Houve um momento em que Jorge de Macedo se referiu aos textos, redigidos numa escrita binária, com que o autor identificou cada uma das gárgulas. Aí o escultor não se conteve:

- Mas como é que o Professor sabe isso? Essas legendas não são visíveis do solo.

O Professor levantou-se e disse:

- Venham daí comigo. Vamos lá fora ver as gárgulas.

Quando chegamos junto da primeira gárgula, apontou para o alto e expôs o significado que lhe atribuía, em complemento com o que o autor fizera gravar na pedra. E sorrindo para José Aurélio, acrescentou:

- Sabe Mestre, há binóculos...

A terminar esta breve nota de uma memorável conversa sobre gárgulas, acrescento apenas que o Professor Jorge de Macedo não chegou a escrever o texto prometido nessa ocasião ao escultor José Aurélio. Em Março de 1996 faleceu. Não sei se José Aurélio guarda algum registo desta reunião. Aqui fica o meu, escrito de memória, na altura em que se celebram 20 anos sobre a inauguração do novo edifício da Torre do Tombo.

SERRA, José Bonifácio - José Aurélio, Borges de Macedo e as gárgulas da Torre do Tombo. [Em linha]. Blog O que eu andei, post de 6 Janeiro 2011. [Consult. 12 Maio 2011]. Disponível na Internet:

<[URL:http://oqueeuandei.blogspot.com/search?q=torre+do+tombo](http://oqueeuandei.blogspot.com/search?q=torre+do+tombo).>